



Gênero em termos reais

Alexandre Gomes Soares¹

Livro resenhado: CONNEL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016. 272p.

Raewyn Connel é professora emérita na Universidade de Sydney, Austrália. É uma pesquisadora de renome internacional nos campos de gênero, dando destaque ao conceito de masculinidade hegemônica. A obra *Gênero em termos reais* de Connel foi estruturada em três partes, sendo que a primeira parte se detém sobre as dinâmicas do gênero que envolve a colonialidade do gênero, os corpos do sul e as deficiências e como os regimes de gênero mudam dentro do estado. A segunda parte discute os homens e as masculinidades e sua relação com a igualdade de gênero, bem como as masculinidades e o capital financeiro e as perspectivas do norte e do sul sobre a masculinidade. E a terceira debruça-se sobre as mulheres transexuais permeando pela história de vida, a atuação da psiquiatria sobre as mulheres transexuais e relação das mulheres transexuais e o pensamento feminista.

A autora aponta que o gênero, pode-se dizer, é especificamente uma questão de corporificação social. Tecnicamente, o gênero pode ser definido como a estrutura de práticas reflexivas do corpo por meio das quais corpos sexuais são posicionados na história. A construção desta obra é marcada pela longa trajetória da autora em pesquisas empíricas, com atuações em pesquisa historiográfica, questionários, estudos de história de vida e estudos organizacionais. E os capítulos possuem essa marca da experiência, com destaque para as discussões de gênero no norte e sul global.

¹ Doutorando em Educação (USP), mestre em Educação Tecnológica (CEFET/MG), Pós-graduado em Gestão de Pessoas e Projetos Sociais pela UNIFEI, Pós-graduado em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância pela UFF, Pós-graduado em História e Culturas Políticas pela UFMG, Pós-graduado em Educação Empreendedora pela UFSJ, Pós-graduado em Educação Profissional Integ. a Ed. Bás. na Educação de Jovens e Adultos (CEFET-MG), Bacharel Licenciado em História pela PUC-Minas. Membro do Grupo de Estudos de Gênero, Educação e Cultura Sexual (EdGES) credenciado no CNPq. E-mail: prof.alexhis@gmail.com

Na parte I denominada Dinâmicas de gênero, Connel (2016) busca discutir a colonialidade do gênero, sendo que uma das características centrais neste capítulo é que o imperialismo global atingiu todas as culturas no globo. Diante disto, a questão colonial influencia dinâmicas sociais de forma intensa e por isso é necessário abrir novas formas de refletir sobre as análises de gênero. Fica em evidência que as análises de gênero precisam ser visualizadas como integrante de uma economia política global do conhecimento. Sugere pensar sobre os significados políticos das análises de gênero, ultrapassando concepções unitárias sobre o sujeito do feminismo. A autora lembra que as perspectivas metropolitanas precisam ser desafiadas no diálogo global situando-a no futuro das ciências sociais, pois desta forma tem-se novas questões e perspectivas que transformarão as análises de gênero. A autora já descreve alguns exemplos, tais com: 1º) a voz na política do gênero; 2º) a violência generificada teve um papel formador na configuração das sociedades coloniais e pós-coloniais; 3º) Os processos são inerentemente coletivos.

Expõe que há uma lacuna no quadro empírico que liga os estudos de gênero (exemplos: relação nas instituições mais poderosas da economia global neoliberal e da ordem política, a construção pública da masculinidade na política neoliberal) e ligando as teorizações do gênero à compreensão contemporânea do neoliberalismo e do Estado de segurança moderno.

No subcapítulo 2 – Os corpos do sul e as deficiências ela busca explorar a mundialidade desse envolvimento como um todo, começando pelos conceitos fundamentais sobre essa corporificação, e o lugar da ciência na sociedade global. Ela reflete sobre as maneiras em transformação segundo as quais a deficiência está envolvida em processos-chave que formaram essa sociedade: a colonização, o capitalismo global e o patriarcado. Considera algumas questões sobre a política da deficiência (disability) e da debilitação (impairment) em larga escala.

A autora buscou delinear que os processos sociais e estruturas conhecidas devem ser entendidos como algo corporificado, e que o destino dos corpos precisa ser visto por meio das dinâmicas sociais. Critica a ênfase dada pelas Ciências Sociais e humanidades para com as realidades virtuais, as redes e as identidades. Por outro lado, estimula o olhar sobre o papel do Estado como provedor de serviços, seja na perspectiva da definição ou negação de direitos.

No capítulo 3 – como os regimes de gênero mudam dentro do estado – Connel debate como os Estados atualmente são aglomerações complexas de agências diferenciando-se em relação ao gênero e com agendas distintas (p.68). Nesta parte da obra ela descreve vários estudos



de caso que analisam a inserção de mulheres e homens e suas funções nas organizações com enfoque nos mecanismos e complexidades internas dessas instituições.

No capítulo 4 – Os controladores de acesso mudam: homens, masculinidades e igualdade de gênero- apresenta a emergência de uma discussão mundial sobre homens e a reforma pela igualdade de gênero, e avalia as perspectivas de estratégias de reforma que envolvem homens. Indica que é necessário analisar como homens e meninos têm sido compreendidos, a política dos “movimentos masculinistas”, os interesses divididos, de homens e meninos, em relações de gênero, e o que as pesquisas apontam quanto à cambiante e conflituosa construção social de masculinidades. A autora expressa termos importantes para a compreensão deste universo, tais como: toxicidade, políticas públicas, igualdade de gênero. Enuncia que há pesquisas consideráveis que problematizam perspectivas essencialistas e estereotipadas da masculinidade. E sinaliza que a igualdade de gênero é um projeto que pode ser compreendido com altos princípios de justiça social que resulta em uma vida melhoras para homens e mulheres.

No capítulo 5 – A máquina por dentro das torres de vidro: masculinidades e o capital financeiro – a autora registra que o conhecimento das masculinidades no mundo corporativo é um problema central para a pesquisa sobre gênero contemporânea e com uma perspectiva de compreender a sociedade global. Para entender este contexto ela ilustra esse campo do conhecimento baseada em pesquisas com administradores de um amplo espectro de indústrias em duas cidades australianas no período de 2006 a 2007. Cabe salientar que a Austrália tem uma economia que é baseada em exportações agropecuárias e minerais. Denominada como história de vida teorizada, na qual tem-se uma tentativa de entender cada história de vida com a utilização de uma matriz oriunda da teoria de gênero, anterior a uma síntese de grupo.

No capítulo 6 – Crescer como masculino- neste momento ela narra que nos debates públicos sobre a masculinidade, algumas das questões latentes referem-se à juventude. Ela explica que a maioria dos discursos sobre a masculinidade e juventude é estereotipada. Delineia sobre o conceito de adolescência nas Ciências Sociais do norte com marco histórico no século XX. Inscreve que as masculinidades são configurações de práticas associadas com a posição social dos homens, as histórias de vida dos meninos são o principal lugar social da construção da masculinidade. No entanto, também é possível a meninas e mulheres se envolverem em práticas socialmente entendidas como masculina, bem como aos meninos se envolverem em práticas e adquirir características socialmente definidas como femininas.



No capítulo 7 – Perspectivas do norte e do sul sobre a masculinidade- Connel descreve o surgimento das pesquisas contemporâneas que discutiam a masculinidade e como isto impactou a produção de conhecimento nas relações de gênero. Esse movimento de ampliação e construção do conhecimento perpassou pela crítica feminista da década de 70. Neste contexto, identifica-se uma nova percepção para as pesquisas das configurações das práticas sociais associadas à posição dos homens em relações de gênero, ou seja, modelos de masculinidades. Considera importante olhar para as sociedades, culturas e história, afirma que é preciso ter visão além da metrópole para uma mudança epistemológica, delineando algumas leituras do sul sobre a masculinidade.

No capítulo 8 – Duas latas de tinta, história de vida de uma pessoa transexual – este capítulo aponta a experiência que Connel teve na década de 80 ao entrevistar Robyn Hamilton e já havia que vivenciado a cirurgia de redesignação de gênero. Connel exerce seu olhar atento de pesquisadora social ao captar detalhes realizando perguntas bem estruturadas, mas relata que foi uma entrevista difícil, pois foi vivenciada em um momento que vivia como homem.

No capítulo 9 – Excepcionalmente sãs: psiquiatria e mulheres transexuais – estuda algumas discussões psiquiátricas mais influentes sobre mulheres transexuais, sugerindo elementos para uma psicologia mais produtiva. Contribui de forma brilhante com recursos na análise de gênero feminista e a psicologia da libertação.

No capítulo 10 – Mulheres transexuais e o pensamento feminista – No primeiro momento descreve os contatos feministas com as mulheres transexuais e a ideia de mudança de gênero. O segundo ponto traça um olhar analítico sobre suposições desse debate, no impacto das ideias transexuais e argumenta a favor de uma inserção mais intensa partindo da ciência social feminista. No terceiro eixo expõe um relato sobre a transição de um projeto de gênero, a natureza da corporificação transexual e a prática das mulheres transexuais no fazer e refazer da ordem de gênero. O quarto momento pauta essa análise com dificuldades de reconhecimento e desigualdades materiais, propõe um relacionamento reelaborado entre as mulheres transexuais e feminismo dentro de uma política de cuidado e justiça social.

Por meio desta obra, os leitores e leitoras terão acesso a uma produção científica com um vigor no campo teórico e empírico das discussões de gênero, masculinidades, das mulheres transexuais e suas interfaces com as nossas vidas. Recomendo a leitura e destaco as diversas provocações e tensões que a autora nos traz, especialmente ao considerar as desigualdades globais que nos cercam.



Referências

CONNEL, Raewyn. *Masculinities*. 2ª edição. Cambridge:Polity Press, 2005.

CONNEL, Raewyn Gender: *In World Perspective*. Cambridge:Polity Press, 2009.

CONNEL, Raewyn Gender: WOOD, Julian. “Globalization e Business Masculinities” *Men and Masculinities*, 7 (4):347-364.2005. Disponível em: <http://www.raewynconnell.net/>. Acesso em 31 Mar. 2017.

